

QUINTA-FEIRA
Lisboa--16 de Janeiro--1930

500
5 TO
1000

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

191



sempre
fixe semanário
humorístico

de
RENASCENÇA GRAFICA
S.A. N.º 1
RUA LUZ SOBRADO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

AS BRUXAS



A bruxa -- Depois lh'o digo no Torel, que lá nos encontraremos.



Os ditos da semana



F. Valença F. Valença não pôde desta vez desenhar a 1.ª pagina. Teve uma questão com a gripe e a gripe levou a melhor. Valença com a gripe não risca nada.

Cadaver 40 HP De Toledo mandaram a um jornal da manhã, o seguinte telegrama:

Um cadaver boiando no Tejo

«TOLEDO, 9. — Na povoação de Mocejón, foi recolhido, flutuando no rio Tejo, o cadaver dum homem que aparenta ter quarenta anos e estava amarrado a uma viga de ferro. Os olhos estavam vendados com um lenço de seda, e apresentava uma ferida na cabeça, que parece ter sido produzida por um machado. Enrolado ao pescoço, tinha um fio de ferro suportando um peso de cerca de duas arrobas.

Parece que o crime foi cometido ha um mês e num lugar afastado, tendo a corrente arrastado o cadaver até o local onde foi encontrado.»

Valentissimo cadaver. Amarrado a uma viga de ferro e com um peso de duas arrobas ao pescoço, ainda boiava no Tejo.

Até custa a crer que um homem que, mesmo depois de morto, ainda tem tanto poder, se deixasse assassinar. E o que é mais extraordinario é que o valentissimo cadaver não se limitava a boiar no Tejo; vinha navegando desde um ponto muito afastado, como se fosse um autentico HP de quarenta cavalos.

Quando aparece um morto destes, até os vivos se deviam meter pelo chão abaixo, reduzindo-se á sua insignificancia.

Assim até apetece ser cadaver.

Sem saudes Ha dias realizou-se em Paris um

banquete de duzentos medicos. Não houve saudes, porque mal pareceria que os medicos, por suas proprias mãos, cansassem a sua ruina. Não houve saudes, mas parece que tambem não houve doenças, o que igualmente se explica, por estarem os medicos entretidos com o banquete.

Boletim meteorologico

Conforme tinhamos previsto no «Juizo do ano», 1930 entrou com frio e poz-se a tiritar. Ha quem já tenha sentido, no termometro dos proprios pés, 9 abaixo de zero. Se isto assim continua, daqui a pouco, estaremos todos reduzidos a sorvete, com excepção das algumas pessoas mais resistentes

ao frio que não passarão de carapinhada.

Desde que se convencionou que, além dum magnifico sol primaveril, temos um clima ameno, doce e temperado, nunca mais ninguém pensou nos cobertores de papa e cisnos a morrer de frio.

As casas não teem aquecimento e os teatros não teem calorificos, porque, em Portugal, ninguém pensa em fogo, senão do de S. João, no fogo central das praças publicas em certas ocasiões e no fogo da chaminé, mas, neste, só depois de declarado e com bombeiros á porta.

Pessoas animosas ou resignadas afirmam que isto não dura, que isto ha-de passar. Pois ha-de. Lá para Agosto ou Setembro.

Consolemo-nos.

Elogio da careca Apareceu agora, lá para fora, um quimico ou um charlatão que pretende ter inventado um remedio contra a calvicie.

Ao que rezam as folhas, o homem é capaz de fazer nascer cabelo até a um macaco de rabo pelado.

Ha quem exulte com a noticia, como se isto de ser careca não fosse uma distincção, e não tivesse um chic especial. Quanto a nós, semelhante inventor, devia ser açoitado na praça publica e não é porque, cá por casa, todos sejam bastamente fornecidos de adornos capilares. E' porque a careca é o mais evidente sinal de civilização. A careca é inimiga do parasita e amiga da higiene. Um cosinheiro careca nunca deixou cair cabelos na sopa.

A careca dá, de tal modo, lustro a uma cabeça que cabeças ha que, tendo passado uma mocidade apagada e sem brilho, no dia em que se descobrem e ostentam uma vasta calva, começam logo a brilhar.

A careca simplifica a vida. Quem não tem de abrir risca ao meio, gasta menos um quarto de hora nos trabalhos de toilette.

A careca denota inteligencia porque a mulher, raramente é falta de cabelo, e porque, quando a natureza ás vezes se engana e depila um estúpido, ele proprio se apressa a corrigir o erro da natureza, tapando-a com um capachinho, para demonstrar a verdade da nossa asserção. Na verdade, a careca, só tem um inconveniente: impedir que se seja um bom catolico, porque ao careca não é possível cumprir rigorosamente um dos preceitos do catecismo—presignar. Diz o catecismo: «Presignar é fazer uma cruz, com o dedo polegar, ao alto da testa, junto á raiz do cabelo...» Seria decerto muito fastidioso ir, por ali fóra, á procura da raiz do cabelo... além de que ainda poderia ser desprimoroso para a propria religião.

SALOMÉ



THEATRO

«RETROZ PRETO...»

ANDA por terras africanas um grupo de artistas — pobre deles! — chefiado pelo rotundo O. de C. Anda a cavar a vida, o que é respeitável. Anda a trabalhar, o que é para louvar. Mas — e nisto não vai menos consideração pelos componentes do grupo, nem mesmo pelo proprio O. de C. — o que dizem os jornais de Loanda das peças e da forma como as interpretam não pode passar sem ser conhecido dos leitores desta pagina. Recebemos um rôlo de recortes que vale quanto pesa, se não vale mais... O grupo tem representado alta comedia, opereta, revista e vaudeville.

Só revistas, o grupo tem levado á scena — temos na frente os reclames — as seguintes: *Cabaz de Morangos*, *O 21*, *Lua Nova* e *Exposição de Sevilha*.

Comecemos as transcrições das criticas pelo jornal *A Provincia de Angola*, de 19 de Novembro:

«Como anunciámos, em festa artistica da actriz V. R., realizou-se no sabado passado a primeira do *Bairro Alto*, opereta cujo titulo — mercê do successo enorme que alcançou em Lisboa — conseguiu levar ao Cine uma forte concorrência que, embora não enchesse a casa, lhe dava um bonito aspecto.

Bairro Alto, em verso para o Ultramar, não se pode dizer que viesse acrescentar nem sequer uma folha de louro á corôa que o publico do continente lhe concedeu quando a viu e ouviu e isso porque Loanda nem a viu nem a ouviu.

Bairro Alto não foi uma exhibição feliz. Porquê? Pelo arranjo, talvez, pode ser que pela distribuição e pelo miscelâneo-scene, pela representação... ou ainda por tudo isto.»

Não podemos compreender o que seja o *Bairro Alto* em versão para o Ultramar. A não ser que estivesse traduzida para lingua de preto... O O. de C. lá deve saber.

Do mesmo jornal e da mesma columna:

«O. de C., cujo nome já fulge no livro de ouro do nosso Teatro, dedica a sua festa a imprensa e ao meio intelectual de Loanda.

A peça da sua autoria — *O Hotel da Babilonia* — alta comedia em um acto, a vibrar toda a fama de impressionismos, descendo ao ridiculo, levitando-se na vaga sonora de tragedia — é um caso de paranoia, cuidadosamente estudado.»

E' um caso de paranoia, diz o crítico, e ele lá sabe... O artigo continua neste tom. Temos pena de não haver espaço para o reproduzir na integra... Outro dia será...

Em beneficio da actriz B. M., subiu á scena o vaudeville «Cova da Piedade». O jornal *O Reclame*, de 30 de Novembro, refere-se desta maneira á interpretação:

«C. T. teve as honras da noite no desempenho da «D. Francisca Aurora», uma parteira serigaita e senhora vizinha, que conseguiu dar a toda a plateia momentos ininterruptos de franca e homérica gargalhada. Não se pode exigir melhor e mais bem assimilado papel. Adalina Abranches, que no Teatro do Gimnasio o desempenhou com grande successo, se visse a C., decerto diria que se estava revendo no seu trabalho.»

Dispensa comentarios.

Ainda do mesmo jornal, ha noticia-critica da festa da actriz D. de A.:

«Vai ser a primeira de um ciclo de festas...»

A nota, que por pouco se podia tornar discordante, foi o improvisado dis-

curso de O. de C. — muito chatinho por sinal — que entendeu, numa plateia composta por colonos de todas as provincias portuguesas, fazer especialidades sobre os dois rincões da nossa Patria. Embora pretendesse atalhar a pafje, não deixou contudo de suscitar melindres.»

Alguns dos nossos artistas já falam mal por conta alheia... Para que falam por conta propria?

Até representaram a *Anecdota*, de Marcelino de Mesquita. Vejamos que disse da interpretação a critica. Foi á scena em festa da pequena bailarina A. S. Um trecho:

«Foi bastante infeliz a pequena A. S. no desempenho da *Anecdota*, de Marcelino de Mesquita, parecendo impossivel que a deixassem ir para a scena sem lhe marcarem e ensinarem bem como havia de desempenhar o difficil papel do «Tapaz».

Em compensação, teve uma merecida ovação nas suas danças e no «Tango», que cantou muito bem, sendo forçada a bisar.»

Esta recita fechou com o numero «D. Chica e Sr. Pires», que foi muito aplaudido. Que mistura de espectáculo!

Sobre a representação da peça «Zé Manel... o cara direita» que os reclames dizem ser do repertorio do T. N., diz *A Provincia de Angola*, de 14 de Novembro:

«Ontem, como noticiámos, deu-nos a companhia O. de C., no Cine, a peça *Zé Manel*, o cara direito — um arranjo de O. de C., peça a que os programas chamaram alta-comedia. Ora *Zé Manel* é tudo: é farça muita boa, tragedia algumas vezes... de tudo um pouco, e por isso mesmo que nos dá prazer ao vê-la.»

Paros que o O. de C. e o O. de C. troupe enlouqueceram. Só de loucos se justifica o que andam fazendo por terras africanas...

NUMA secção teatral dum jornal diario vinha a seguinte noticia:

«A companhia Cahby Pinheiro fez, no teatro Avenida, em Vizeu, uma brilhante serie de espectaculos, tendo ali estreado a comedia *Boa Gente*. Nesta peça, fez o seu primeiro grande papel, com muitissimo successo, a actrizinha Maria de Oliveira, que faz parte deste agrupamento artistico e no ano findo terminou de forma notavel o seu curso no nosso Conservatorio de Teatro.»

Dizem-nos que a actrizinha vai a caminho dos 29 anos! Já e boa vontade de ser amavel...

O R. M., que completou, ha mezes, 25 anos de teatro, disse numa entrevista que se estreado na *Cruz da Esmola*.

Grande cruz tem sido a sua vida nos ultimos anos e se ainda não chegou a pedir esmola é porque não calhou... No entanto, R. M. é um actor dos poucos que merecem esta palavra. O seu ultimo trabalho — na peça *Maré de Sorte* — é qualquer coisa que marca na vida dum artista. R. M. tem sido esquecido muitas vezes pelos empresarios e o seu valor está bastante acima da craveira da maior parte dos que se julgam grandes. R. M. devia já hoje ter com que descansar — 25 anos de teatro não é brincadeira — e temos a certeza de que não pode estar um mês desempregado...

E' lamentavel a vida atribulada dos nossos artistas teatrais!

O busto de Almeida Garrett saiu o atrio do T. N. Era ali, realmente, o atrio do T. N. Era ali, realmente, o seu lugar. O teatro tem o seu nome e o publico menos culto vai conhecendo, pouco a pouco, os homens que pugnaram pelo teatro português. A. R. C. e R. M. estão revolucionando a Casa de Garrett, mas continuam sendo recompensados do seu grande esforço: as casas enchem-se todas as noites. Ainda bem.

A' saída dos pretos, no T. A., alguém dizia:

— Venceu a nossa raça. O melhor bailarino é um branco! Estamos vingados da invasão negra!

«Eu e ela...» tem hoje o sua «primeira noite!» E' a noite de nupcias a noite de casamento! O que vai ser? Dar-se-hão bem os dois conjugues, peça e publico? Haverá divorcio breve? A primeira noite será a continuação do «Eu e ela...» Esperamos que se deem bem... para bem de nós e do E. B...

NO T. S. da B., do Porto, mataram, em três noites, o D. João. Foi um crime que o R. P. e o M. D. não perdôam...

«A Aranha» avança para o T. P. Já começou a fazer a feia. Está aqui está a desembarcar-se dela e entra — pelas garras do L. E. de...»

O HOMEM DAS 5 HORAS.



José Galhardo e Coutinho d'Oliveira — O Apolo não andava em «Maré de Sorte», mas desde que lhe puseram um medico á cabeceira e um advogado para o que der e vier, o teatro até mudou de côr, num «fim de festa» um tanto ou quanto enegrecido.

Mão amiga envia-nos o seguinte, com o pedido de publicação. Tem o titulo de «O que se ouve nos palcos dos teatros de Lisboa» e deve ter sido escrito por quem conhece o meio teatral, neste momento:

No Avenida:

— Eu não vou lá, que tenho medo.
— Vai-lhe tu dizer.
— Livra!

No Gimnasio:

— Está aí o velho Braga?
— Adeus, velho Aimada!
— Adeus, velho Samwel!
— Adeus, velho Seixas!

No Apolo:

— O' sr. Grijó!
— Não dou.
— O' sr. Grijó!
— Não dá.
— O' sr. Grijó!
— Não damos.

No Politeama:

— Está cá a Exma. Senhora Dona Palmira Bastos?
— Pergunte aí no camarim da Exma. Senhora Dona Maria Matos.

No Trindade:

— Venho receber as favas que o sr. Barbosa encomendou.
— Cá em casa, quem paga as favas é o senhor Pombeiro.

No Variedades:

— Mas se...
— Era talvez.
— Não venham para cá com meias palavras...
— Então... á conversa é mais fácil...

No Estadio:

— Oh! sr. Robles, estão a chamá-lo ao telefone do Estado.
— O Estado, aqui, sou eu.



— Oh! mãe, aquela casa grande onde está o pai é a tal que ele queria comprar com o dinheiro das notas que fazia?

— Não, meu filho, a casa onde o teu pai está é o Limoeiro.

Coisas de Judeus

Abraão atravessa o Rossio no preciso momento em que Jacob, recém-desembarcado, sai da estação do Rossio, ajoujado com a bagagem que, por economia, não confiou a nenhum moço da gare.

Abraão, que havia muito tempo que não se encontrava com Jacob, corre para ele e aperta-o comovidamente nos braços.

— Mas estás esplendido! Como me alegro! E pelo aspecto vejo que os teus negócios prosperaram. A última vez que te vi, em Varsovia, andavas bastante atrapalhado com a baixa dos diamantes. Agora, não... Lê-se nos teus olhos os bons lucros das tuas últimas transacções...

Jacob, contrariadíssimo com aquelas felicitações de mau agouro, procurou por todas as formas desfazer a impressão de prosperidade que causara no amigo.

— As aparências iludem muito, Abraão! Sou obrigado a empatar um capital louco em vestuário para poder ser recebido pelos fregueses — e ainda não consegui cobrir as despesas que fiz em enfiar-me com decência.

Mas Abraão não acredita nas explicações de Jacob e, cada vez mais convencido de que o outro encontrou filão novo, procura descobri-lo, para o aproveitar também. Pelas etiquetas do hotel que estampilhavam as malas ficou sabendo que Jacob vem de Madrid. Pelo sim pelo não, indaga:

— De onde vens tu, Jacob!

— De Madrid! — responde o amigo, após uma hesitação.

Neste momento, Abraão toma uma atitude de ofendido e, franzindo o sobrolho, declama:

— Sempre julgues que tu fosses meu amigo, Jacob! Sempre pensei que tivesses confiança em mim — mas infelizmente vejo que me equivoquei.

— Porquê? Porquê?

— Porque tu tentas enganar-me.

— Eu? Quando? Onde?

— Agora mesmo — dizendo-me que vieses de Madrid!

— Ora essa! Pelos meus filhos, que disse a verdade!

— E isso sei eu! — retorquiu o outro. — Tu disseste-me que vinhas de Madrid para eu supôr que vinhas de Varsovia, quando realmente vens de Madrid. Ora, se tu fosses leal, dizias-me que vinhas de Varsovia para que eu tivesse a certeza que vinhas de Madrid!

Para se compreender este segundo conto judaico é preciso ter presente que o ritual de baptismo sujeita todos os neofitos masculinos a uma pequena operação cirurgica que deixa o judeu estigmatizado... fisicamente, para toda a vida. Ora bem...

Havia em Paris um actor judeu — Leon Blond, que era especialmente atacado pelos jovens *camelots du roi*. Uma noite, estando em scena a representar, viu, na primeira fila de *fauteuils*, um dos seus mais encarniçados inimigos, acompanhado de uma senhora. A certa altura, o espectador anti-semita lança-lhe um insulto para o palco.

— Val-te embora, *sale juif!*

Leon Blond, sem se desconcertar, volta-se para ele e diz-lhe:

— Eis um segredo meu que só era do conhecimento de uma mulher porque me descobriu o vestígio do meu baptismo...

E a seguir, dirigindo-se para a esposa do seu inimigo, acrescenta:

— A senhora sempre é muito indiscreta! Conta tudo quanto vê ao seu marido!

No próximo numero:

CONTOS MEXICANOS

R. X.

Velhos costumes

A vida vinha correndo o que se chama horrivelmente mal para o fidalgo que, esgotados todos os recursos, resolvera vender um dos solares da sua casa, apesar do desgosto que tal venda lhe causaria e aos seus, por isso que se tratava de propriedade ha longos anos na posse da familia.

Puzeram-se anuncios nos jornais e, entabuladas depois as negociações e feitas as necessarias escrituras, foi o solar parar ás mãos dum abastado senhor carvoeiro da praça de Lisboa que, não só pela razão de ter loja perto do Limoeiro, como pelos favores que fazia aos fregueses, deveria antes ser um dos habitantes do palacio do Conde de Andeiro.

O fidalgo, cioso dos seus pergaminhos, mal a venda se realizou, mandou ao caseiro que do portal do solar vendido arrancasse as armas da familia que ali figuravam, não fôsse o carvoeiro julgar-se senhor dum brazão que era só pertença dele.

O caseiro cumpriu a ordem e, para agradar ao novo proprietario da casa, substituiu o brazão de pedra por uma cabeça de toiro que, se não era famosa, não deixava comtudo de ter *armas*.

O novo rico, mal se apanhou no fidalgo solar, começou de fazer obras por toda a casa, adaptando-a ao seu feitiço *artístico!*

Ali viveu durante muito tempo e, um dia, succedeu que um parente velho do fidalgo de Alvaiazere, farto de viver, resolveu entregar-se nos braços de Deus, que o recebeu no seu seio com a melhor das simpatias.

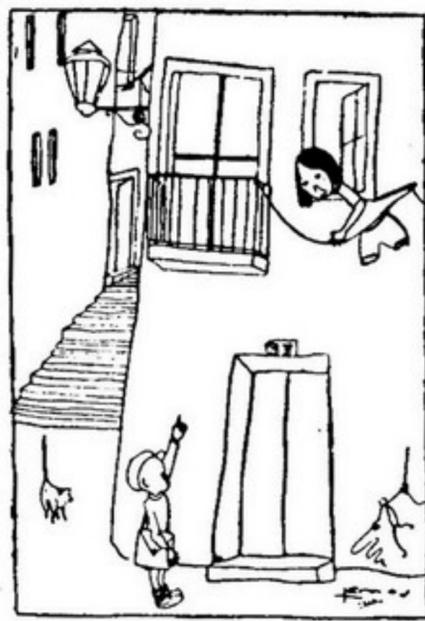
O carvoeiro, melhor, o dono do solar, já um tanto ou quanto adaptado ás regras da boa educação, foi a casa do fidalgo e apresentou-lhe os pezames. A saída notou que as armas que se viam no portal da casa do fidalgo estavam cobertas de negro. Estranhou o facto e... tempos depois, o pai do carvoeiro, farto da vida, resolveu entregar-se também nas mãos de Deus, que não deve tê-lo recebido lá muito bem, posto que fóra ele quem ensinara ao filho que um quillo, ao contrario do que diz a aritmetica, tem 800 gramas e não 1.000.

O carvoeiro chorou, chorou e, por fim, lembrando-se do que vira no solar do fidalgo, ordenou ao caseiro:

— Vá-me lá tapar aquilo com pano preto...

Dai a um bocado, via-se a cabeça do toiro de luto pesado!

Tableau!



— Chega ahi á varanda que te quero dizer um segredo...

— Não posso. Não vês que tenho as calças a enxugar...

Graça dos outros

Ela: — Meu marido morreu três dias depois do nosso casamento!

Ele: — Ainda foi feliz! Não sofreu muito!

O medico: — Em resumo: diga-me francamente o que bebe o senhor?

O doente: — Não se incomode, doutor. O mesmo que o senhor...

Dois ladrões, arrombando um cofre fortissimo:

«O Pé de Galo»: — Porque estás tão nervoso?

«O Gato Assanhado»: — Estou-me lembrando que deixei aberta a porta da minha casa...

Ela: — Que manhã tão grande!

Ele: — Claro! Já passa do meio dia e ainda não tivemos nenhuma discussão!...

Entre amigas:

— Que mentiroso é o teu marido!

— Porquê? Disse-te, por acaso, que eras tu a mulher que ele amava?

— Não! Disse-me que eras tu!...

A' hora de comidas e bebidas



ONTEM

Coisas históricas

Um aldeão asturiano de historia pouco limpa adoeceu tão gravemente que o cura da sua aldeia entendeu visitá-lo para lhe aconselhar se reconciliasse com Deus. Opôs-se o doente; e o cura usou da ameaça do inferno, do fogo perpetuo que o esperava depois de morto.

A nada o aldeão cedeu; e como este sofresse um colapso que a todos deu a impressão de já estar morto, pegou o cura numa vela que lhe acercou aos labios, para vêr se a chama se agitava, isto é, se o doente ainda respirava.

Foi então que o teimoso aldeão, julgando ser já a chama que no inferno o havia de queimar, murmurou:

— Já começamos, seu diabo? Olhe que eu ainda estou vivo!

* * *

O padre Languet de Gergy, cura da igreja de S. Sulpício, de Paris, não deixava os seus paroquianos em procura de esmolas para os pobres.

Um aristocrata soberbo, aborrecido pela insistencia do bom sacerdote, perdeu a cabeça e deu-lhe uma bofetada.

— Está bem — replicou humildemente o padre Languet — isto é para mim. Agora, dê-me o que espero para os meus pobres...

* * *

Numa legação da Roumania apresentou-se com muito exito uma comedia dum joven diplomata, que a intitulou «Os Sapatos de Teatro», sendo representada por uma elegante dama, que obteve tal successo que solicitou do autor o original da peça.

Passados dias, foi o diplomata-dramaturgo entregar a sua obra á dama, e como o creado desta lhe preguntasse quem devia anunciar, declarou, supondo que a dona da casa já não recordava o seu nome:

— Diga á senhora que é a pessoa que fez «Os Sapatos de Teatro».

E a creado anunciou:

— Minha senhora, está ali o seu sapateiro...

* * *

Ao morrer o cardeal Mazarino, compuzeram os franceses varios epigramas sob a fórma de epitafios. Um dizia, referindo-se tambem a Richelieu: «Aqui jaz Sua Eminencia segunda. Deus nos livre da terceira!»



— Vamos, sr. barão. Não o seduz esta valsa «Hesitação»?...
— Eu nunca hesito... E' uma questão de principio...

Elevador da Gloria

Ela: — Oh! como está, sr. Albuquerque? Já se esqueceu de mim... Vim-nos ha três dias em casa de madame Santos. Não sei onde tinha a cabeça quando o tomei por aquele terrível maçador, de quem toda a gente foge — o Arnaldo Sequeira. Todos dizem que é muito parecido comsigo, mas é uma tolice. Não se parece absolutamente nada...

Ele: — Mas, minha senhora! Eu não estive em casa de madame Santos, ha três dias, nem tenho a honra de conhecer V. Ex.^a E não me chamo Albuquerque. Chamome... Arnaldo Sequeira...

* * *

Numa loja:

A noiva: — Quero oferecer uma prenda ao meu noivo, mas não sei o que escolher...

O caixeiro: — Talvez um cachecol de seda!...

A noiva: — Isso, não. Meu marido nunca sai á noite!

O caixeiro: — Mas pode guardá-lo para quando passar a lua de mel...

* * *

Na rua:

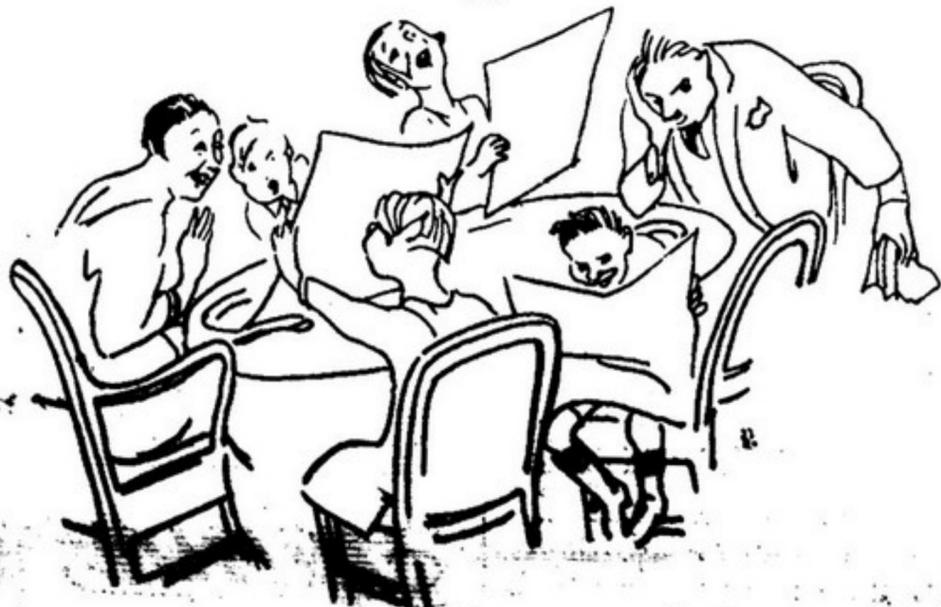
— Meu nobre senhor! Uma esmolinha a este pobre cego!

— Mas você é cego ou finge que o é?

— Pois então não reparou que lhe chamei nobre senhor?...

A' hora de comidas e bebidas

II



HOJE



— Não tenhas receio absolutamente nenhum dum fracasso porque já que ela te interessa a vou apresentar-te. Vale o quanto pesal
— E pesará muito?

Como eles falam

Numa das suas viagens ao Brasil, o Evaristo Pereira, que era um simpatico moço e um oficial da marinha mercante distinto, trouxe para a esposa que aqui ficara a carpir saudades um papagaio que, se ainda é vivo, deve andar algo atrapalhado agora com a questão ortografica.

O animalsito tornou-se para a virtuosa cara metade do Evaristo o entretenimento predilecto. Era o seu companheiro inseparavel nas viagens do marido, o feliz a quem, á mistura com confidencias, ia ensinando a falar o melhor que pode e sabe uma mulher.

A inteligencia da D. Felisberta não era coisa por ai além. Era até bem pequena porque de pequena não a habituaram a ir á escola. Todavia, para ensinar papagaios, chegava. E prova-o exuberantemente a simpatia que o louro tinha na visinhança, porque falava, dizia tudo quanto ouvia, assobiava, mas não cantava, como qualquer estrela de revista.

Era um encanto de papagaio! Vocelencias, se passaram, ai pelo ano de 1920, na Avenida da Republica, não de tê-lo ouvido falar da janela dum dos predios do primeiro quarteirão, a repetir aos transeuntes as frases de melhor soavam aos seus ouvidos de papagaio, ou aquelas que mais vezes ouvia da boca da sua dona.

Pois um dia o louro, que era o encanto da D. Felisberta e da visinhança, partiu a corrente e fugiu. A esposa do Evaristo teve um desgosto tão grande como a morte de um homem, mas, tempos volvidos sobre a fuga do ingrato, resolveu consolar-se com a esperança de ele voltar á casa onde tinha sido trazido...

... Certo dia, depois que se pôe a fugir, o D. Evaristo, deu um passeio pelo Campo Pequeno e, voltando á Avenida da Republi-

ca, desceu á Rotunda e depois á Avenida da Liberdade. Sentiu-se um pouco cansado e resolveu entrar naquele chalet que, esteja embora plantado na Avenida da Liberdade, não deixa de ser um chalet das necessidades. Entrou e foi parar ao lado destinado ás senhoras. A encarregada dos serviços de higiene das excellentissimas damas da cidade de Lisboa recebeu o papagaio com a melhor das simpatias. O louro, então, não mais saiu dali e andava constantemente a pular nos gabinetes, de divisoria para divisoria.

* * *

Um dia, a D. Felisberta, já esquecida do papagaio, desceu a Avenida. Qualquer coisa a obrigou a entrar no chalet. Então, com uma enorme alegria, viu o papagaio. Reconheceu-o. Falou-lhe.

— Este papagaio é meu — disse ela. — Fugiu-me ha muito tempo.

— Pois se é de Vorencia, leve-o.

E o louro, qual filho prodigo, voltou á casa da Avenida da Republica.

Foi uma alegria doida na casa e na visinhança, a quem D. Felisberta deu a feliz nova.

O pior é que o papagaio, ao contrario de então, não dizia uma palavra. Puxaram por ele, mas a nada o bruto se movia...

Nisto, uma das visinhas que entrara na casa da D. Felisberta para vêr o bicho, disse-lhe em tom carinhoso:

— Oh! louro! Então tu não falas?... Vá... Anda... Papagaio real!
E nada...

— Oh! louro! diz alguma coisa... Então tu não queres falar?...

Nada...

— Fala, anda...

... e D. Felisberta...

Consultorio do "Fixe"

Cartas sobre cartas teem caído na nossa mesa de trabalho, pedindo explicações acerca de assuntos de interesse ultra-geral.

O nosso consultorio agradou de tal maneira que, todos, reconhecendo a nossa competencia em casos estupidos, afirmam que não ha melhor no genero.

Enviaram-nos alguns pedidos grafologicos. A esses responderemos a seu tempo, quando comprarmos um compendio que ensina tudo.

P. 4—Vou tourear para o Mexico, e como estou pouco ao facto do que se passa na outra banda do Atlantico, desejava saber se lá se usa o sistema metrico. — *El La-radio.*

R. 4—Usa. E' muito usado mesmo, mas tem umas medidas a mais: medidas de «argumentos de peso». A unidade fundamental é a «trólha», que tem como sub-multiplos o «banano», o «estalo» e a «chapada», e como multiplos a «decatrólha», «hectotrólha», «kilotrólha», «enxerto» e «arraial».

P. 5—Dedico-me á profissáo de vendedor de lenha e, tendo-me constado que havia saído um recente decreto alterando as medidas do pau, pedia-lhe o favor de uma resposta concreta.

R. 5—Foram realmente modificados nos ultimos tempos e passaram a ser assim: *Ester, Donaester, Decaster e Clister.*

P. 6—Uma duzia de ovos custa oito mil réis. Quanto hei de dizer á patrão que custa meia duzia. — *Uma sopeira miliciana.*

R. 6—A menina abusa da nossa paciencia. Multiplicando por 3 a raiz quadrada da duzia e partindo da hipotese que a incognita X é a meia duzia, obtendo pelo processo Dalmir o logaritmo da 7.^a potencia do integral dum ovo, chega-se á conclusão: meia duzia, 10 escudos. Diga isto á patrão e val ver o que lhe succede.

Z. M.



— Gosta do tango?...
— Não. Já diz o Silva Tavares:

Acredita que não mango:
Este tango faz-me zanga.
Eu não posso ouvir o tango
Quando me encontro de «tanga».

BERT AND IRMÃS, Lda
FOTOGRAFADORES
TEL. T. 96
L. M. CONDOMINIO
LIT. B. O. A

Chegue-se para lá um bocadinho

Toda a gente conheceu a celebre Maricócas Silva. Não conheceram? Então! Façam um esforço de memoria... Aquela rapariga alta, bonita, simpatica, com um olho um tudo nada melhor do que o outro, que fazia aquela rabula da Pescadinha de rabo na boca na minha magica imortal «O jejão corropato encantado». Foi uma criação celebre, que lhe deu a eia a imortalidade e a mim a fortuna.

A peça não foi menos das suas sete vezes e sempre com meias casas. Ainda hoje se fala nisso e, faz amanhã quinze dias, o Claretto da Comedia Francesa me escreveu pedindo a peça, que vai muito breve ser traduzida pelo Rostand com o titulo: *La charicote corropato encanté.*

A Maricócas, passado o seu grande triumpho, retirou-se do teatro. Foi um assombro. Pois quê? Aquelle vulto tão notavel do scena portuguesa abandonava o palco onde, de rabo na boca, tinha feito a sua gloria e a do seu autor? Toda a gente se lembra do cortejo popular que se dirigiu a casa da illustre artista, a pedir-lhe que ficasse entre os lumi.^{es} da arte luzitano-drammatica. Todos se lembram daquelas duzentas mil pessoas, com o governo á frente, desfilarão vestidas de luto, com filarmónicas pelo meio tocando a Vassourinha, a Alma de Dios, a Ave-Maria de Gounod e outros hinos fúnebres.

A Maricócas ficou inabalavel. Tinha decidido deixar o teatro e deixou-o. Ora o segredo dessa decisão sei-o eu. A Maricócas tinha arranjado um droguista, que, só para o prato, lhe dava seis tostões por dia e lhe tinha comprado uma maquina a prestações. Mas não é tudo: essa opulencia foi ampliada ainda, passados seis meses, com a morte do droguista, que lhe deixou a sua fortuna e um predio independente com porta para a escada.

A Maricócas, ao ver-se livre e rica, deu pulos de contente. Pôs escritos na tal casa e dali por uns dias appareceu a alugar-lha um cavalheiro, com um ar de riquissimo, que se dizia brasileiro e se apresentou como proprietario dumas minas de manteiga nas ilhas do Pará, que lhe garantiam um rendimento de seis contos de réis por hora. Fez o arrendamento e saiu sem falar em dinheiro, não se atrevendo a Maricócas a dizer-lhe nada. Imaginem: um homem que tem seis contos á hora...

Decorreram seis meses e, quando a Maricócas se sentia disposta a mandar cobrar os cobres, eis que recebe a visita do milionario das minas de manteiga.

— V. Ex.^a incomodou-se? — perguntou a Maricócas. — Eu tinha lá mandado receber.

— Não é por isso que eu cá venho. Venho anunciar-lhe que casei com uma riquissima herdeira peruviana, possuidora de uns jaéigos de café com leite, vizinhos das minhas máfias, e vinha pedir-lhe autorização para fazer obras importantes na casa, a fim de receber minha esposa. Quanto ao pagamento da renda, decidi deixar juntar varios semestres, porque nunca pago contas inferiores a um conto de réis.

Em face de semelhante declaração, a Maricócas ficou entupida. O homem saíu e a senhoria esperou mais seis meses. Quando lá mandou, disseram-lhe que os riquissimos inquilinos estavam no estrangeiro.

No outro semestre ainda lá estavam. Neste ultimo, porém, já tinham chegado; mas o creado declarou que o senhor tinha saído e que a senhora não recebia ninguém.

— Mas eu não quero que ela receba. Quero que ela pague! — exclamou a Maricócas furiosa.

E, empurrando o creado, entrou pela casa doutro até ao quarto da madama. Esta estava na cama e apresentou algumas desculpas; mas a Maricócas, que tinha o seu plano, começou a despir-se, pôs-se em pé e enfiou-se na cama da inquilina.

— Não saio daqui sem ter recebido as rendas.

A peruviana, espantada, levantou-se e começou berrando que havia uma doida em casa. O creado, assarapantado, correu a chamar um medico, que chegou pouco depois.

— A senhora é que é a doente? — perguntou ele á Maricócas.

— Não estou doente, não senhor, respondeu ella. Sou a senhoria da casa. Devem-me dois anos de renda e não saio daqui sem ter sido paga.

— Tem graça, disse o doutor. Pois eu sou medico da casa ha dois anos tambem e ainda não recebi uma de X.

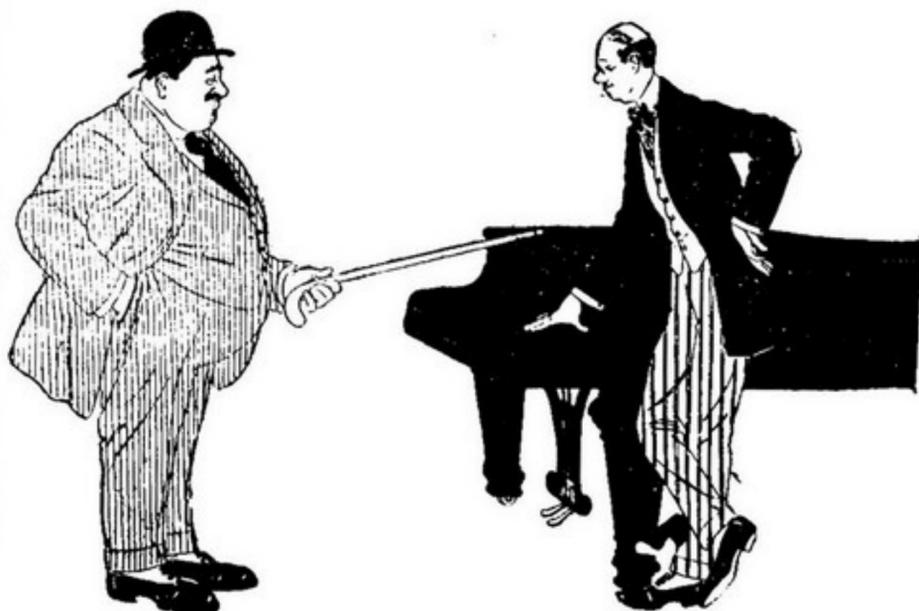
E, tirando as calças e as ceroulas num rufo, levantou a roupa e, com toda a delicadeza, pediu:

— Faz-me favor, chega-se para lá um bocadinho?

ANDRÉ BRUN.

(Do livro «Sem pés nem cabeça», do fallecido escritor, de que acaba de ser posta á venda uma nova edição).

De todos os tempos...



O brutamontes endinheirado — Vai este. E' o que me parece mais sólido!...

A PENINHA REABRIU!
COM A DIRECÇÃO DO SEU PROPRIETARIO

Deseja 7. Ex.^a almoçar, jantar ou ceiar bem com suas Ex.^{as} Famílias e com socego? Vá a este tradicional Restaurant. — Variadissimo menu, comidas á portuguesa, ótimas salas para familias com pequenas mesas, unico Restaurant no genero em Lisboa. — Furnece almoços, jantares ou qualquer outra refeição ao domicilio, para o que tem pessoal devidamente habilitado. — Aberto toda a noite.

TELEPHONE N. 2222

9, R. Pascoal de Melo, 9-A

ao Almirante Reis



Não conheço destino mais triste que o do humorista cinematografico. Esta coisa de ter que desarrancar cinepladas todas as semanas ainda ha de acabar um dia — é mal. Já lá vai o tempo em que isso se fazia com uma perna ás costas. As fitas não eram nunca nem tão más que nos desolassem a ponto de não poder espremer-se-lhes a mais pequena chalaça, nem tão boas que não tivessem ponta por onde se lhes pegar.

Hoje, tudo mudou, como no *Estudante Alsaciano*. As fitas, ou são realmente boas, não dando margem á graça, nem mesmo quando são corridas na Graça, no Royal, ou são tão másinhas — benza-as Deus! — que o plumitivo *cinematografico*, como diria o senhor Frey Gil de Arcos-de-Valdevez, nem mesmo a sério lhes pega.

Nada! Que as enxaquecas não são para brincadeiras...

Estamos mesmo aqui a ver a desolação do leitor, que já está farto e refarto das nossas lamentações. Mas é que nem todos nascemos com o espirito *nordico* do senhor Sólito (aquello é que é modestia: *Só líru!*...) que *blagueando* na *Invicta-Cine* é quem dá as cartas nesta partida de bluff a que se chama cine-humorismo.

Nos cinemas de marmore e cimento armado da cidade de marmore e granito passam fitas que é mesmo um louvar a Deus.

O São Luis abriu outra Greta... na fachada. Tolstoi avariado, na indole e na ortografia. Já ouvimos chamar á Ana Karenine, *Karenina* e até *Kareniria*, com acento grave, ou por outra: gravissimo! O John Gilbert ainda não desistiu de fazer a lavagem ao estomago da sua fatal comparsa, com os melos linguisticos ao seu alcance. Mas ela é burra velha e, pelo visto, já não aprende linguas...

O Tivoli soltou os *Prisioneiros do Mar*. Soltar por soltar, mais vale isso do que a soltura do costume.

O Central vai exhibir as palhacices do *Palhaço do Circo Romanelli*, depois de ter desencaminhado O *Caminheiro* e antes de cair da *Casa Usher* abaixo. Com o *Palhaço* apresentou *Condessinha Engomadeira*, em que a Ossi Oswaldta amarrota os colarinhos ao galã. Mas é claro que volta a engomá-los. Está cada vez mais nova, a velha *Princesa das Ostras*. Nem parece de carne e ossi. Passar de princesa para condessa é passar de cavalo para burro, mas a gente ri-se — e é o que é preciso.

Não ha duvida que é preciso, mas nós ainda não nos rimos com nenhuma das baralhas que aí ficam, e outro tanto deve succeder ao assiduo leitor.

Retardador

Querels dinheiro?
Joga! no

Lotto
Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes!

DESSPORTOS

O nosso grande concurso A grande vitória sobre os checos

DOS SILVAS DO FOOT-BALL

Uma riquíssima lista de premios

O nosso sensacional concurso dos *Silvas do Foot-ball* está despertando um interesse nunca visto. Os premios afluem de tal maneira que resolvemos mesmo não receber mais, porque poderia parecer mal. Em todo o caso, pela lista que a seguir publicamos, ver-se-ha que ela é riquíssima, tendo contribuido todas as conhecidas e afamadas figuras do Desporto nacional.

JOAO ORTIGÃO RAMOS oferece um esplendido automovel *Cord* com corda. Este valiosissimo premio, que será o primeiro do nosso concurso, tem, como se sabe, a particularidade das rodas motrizes dianteiras. As traças servem apenas para se ter uma linda vista para o mar. E' uma modificação tecnica que traz formidaveis vantagens. Assim, os novos automoveis com *Corda* não tem *derrapages*, não fazem *zig-zagues*, não se embebedam, não perdem noites, nem dizem mal da Direcção da A. C. P.

Para evitar insinuações malevolas, no caso do automovel sair á mãe dos sobrinhos do irmão dum redactor deste jornal, devemos advertir que se trata duma mera coincidência — aliás muito engraçadinha.

COSME DAMIÃO oferece um rôlo de corôas em prata. Trata-se, como se vê, duma amavel recordação dos tempos heroicos do *foot-ball* rigorosamente amador.

PLACIDO DE SOUSA oferece uma desilusão em tamanho natural.

CARLOS GONÇALVES oferece cinco estocadas em sitios á escolha do feliz premiado.

CANDIDO DE OLIVEIRA oferece um valioso discurso.

CARLOS SANTOS oferece 25 centimetros de auto-estrada, com berloque para pendurar na corrente.

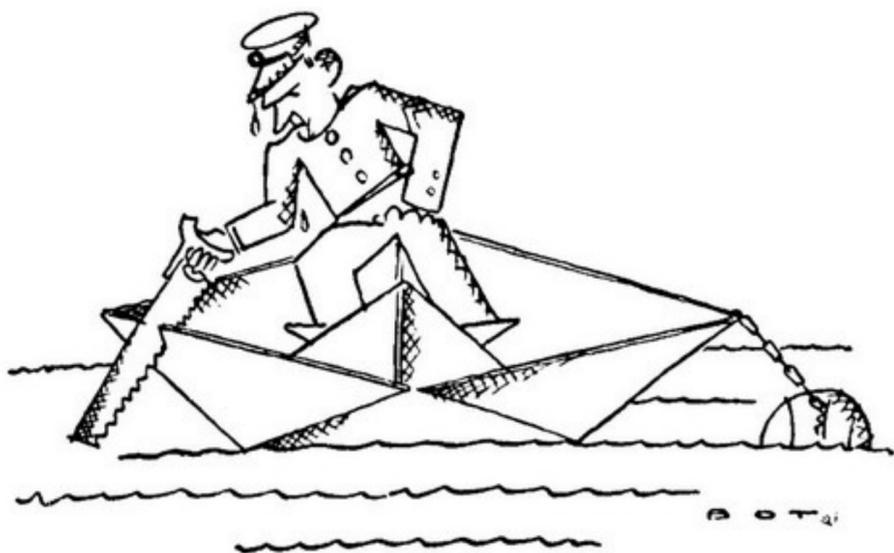
RIBEIRO DOS REIS oferece o que quizerem, desde que lhe garantam a ida ao estrangeiro.

ANTONIO SOARES oferece uma tarefa a quem discordar da sua opinião.

ALBERTO FREITAS oferece-se ele proprio, todo inteiro.

VIRGILIO DA FONSECA lamenta muito, mas já não pode oferecer camisas, nem piugas, nem gravatas.

Quem é este?



Um Silva que não é Sena
Mas que sena por officio
Vive no mar, mas em terra
Tem do *foot-ball* o vicio.

Eu olho de espaço a espaço
Dizer á gente da bola:
Tem três divisas no braço,
Três galões na camisola.

Estava embarcado, na pesca
Dalgum velho balote.

A piada é muito fresca!
Mas nós não vamos no bote.

Não jogou, fazia falta,
E deu desculpa esquisita.
Só me admira que a malta
Ainda vá nessa fita.

Quem é o Silva, adivinha?
Mas olhe que pode crêr
Que se não puxa p'la pinha.
Nunca mais vem a saber.

JOSÉ MARIA

CHUQUES-ESLOVACOS

O desafio Portugal-Semicheco-Slovaquia teve realmente que vêr. Especialmente na primeira parte, em que o *team* nacional parecia um *team*. No segundo tempo, após

que concluir que é um sujeito dotado de grandissimo descaramento. Só assim se explica aquele fraseado ácêrca dum *team* que, caprichosa e obstinadamente, sofreu



Diz o MANUEL SOARES que aquilo não eram os checo-eslovacos mas sim os «chóques-eslovacos».

dez minutos em que se fez o *goal* necessario e suficiente, os rapazes foram-se abaixo. E o jogo consistiu então em os checos fazerem o maior numero de asneiras possiveis. Fizeram-nas, aliás, magistralmente. O avançado centro checo, em especial, deu plenamente a impressão de já ter ouvido falar uma vez em *foot-ball*...

Antes do jogo, não houve quem não criticasse a inclusão de Francisco Silva e de Carlos Mota. Afinal, o veterano de Setubal cumpriu mais do que honestamente o seu papel. E Carlos Mota foi, de longe, o melhor dos médios.

A par disto, o conhecidissimo az Tamanheiro demonstrou amplamente poder ser reformado sem vencimentos. Neste ponto, os ignorados seleccionadores navegaram nas aguas dos *chavões*.

E a proposito dos seleccionadores, alguem nos fez notar que o esportalhao que fugiu com o rabo á seringa — cuidando que se benzia, partiu o nariz.

A espantosa victoria de domingo serviu para o embandeiramento em arco de todos aqueles tristes que ha já tanto tempo o não podiam fazer.

Num jornal da manhã, lemos até:

«A victoria alcançada ontem deve ser tomada como demonstração de que, afinal, o onse de Portugal, apesar de todos os defeitos que, caprichosa e obstinadamente, lhe...

Caprichosa e obstinadamente!!! Não é natural que o cronista seja absolutamente parvo. Temos pois

13 (treze) *goals* em três desafios internacionais seguidos.

O *Sport de Lisboa*, jornal da especialidade, que bastante se diferencia do resto amorfo e acefalo, tambem tem ás vezes os seus deslises.

Num dos ultimos numeros refere-se desdenhosamente ao novo redactor desportivo do *Diario de Lisboa*, atribuindo-lhe o defeito de: — *ser pouco conhecido no meio*.

Este termo *meio* é um pouco vago. Ha mesmo meios que, pela inferioridade do seu nivel mental, é preferivel não frequentar.

O *Sport de Lisboa* refere-se, naturalmente, ao meio desportivo. Ora, salvo erro ou omissão, o novo redactor desportivo do *Diario de Lisboa*, além de ter sobre outros a vantagem de saber lêr e escrever, já ha dez anos alinhava em provas de natação.

Dir-se-hia, pois, que o semanario do *Desporto* e pelo *Desporto* só conhece os amadores de *foot-ball* da primeira categoria e os *papagaios* das assembleias gerais.

O retrato do simpatico José Manoel Soares vem num jornal com uma legenda que lhe chama *autor do «goals»*.

Isto de ser autor dum *goal* tem os seus quês. A'manhã ouviremos falar no autor dum tiro, no autor dum pontapé, no autor duma remada, etc., etc.

Ao fechar desta pagina, informam-nos que ao sr. Escartin vai ser oferecido um *goal* de ouro com um som nitidamente ibérico.

Rebola-A-Bola.

Quer a carta premiada?
Rebente-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

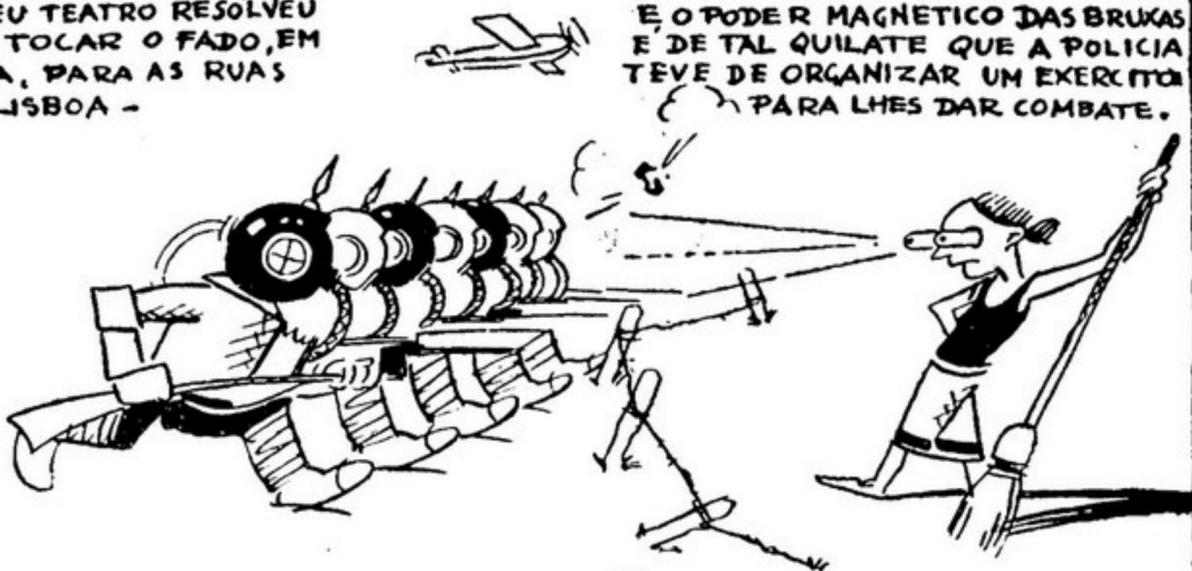
Quer a carta premiada?
Rebente-se na tabacaria MADRID
65 e 67, Rua do S. Paulo — 77

ECOS DA SEMANA

O POBRE APOLO AO VER-SE SEM O SEU TEATRO RESOLVEU VIRTOCAR O FADO, EM LIRA, PARA AS RUAS DE LISBOA -



O PODER DE VER A DISTANCIA E O PODER MAGNETICO DAS BRUKAS E DE TAL QUILATE QUE A POLICIA TEVE DE ORGANIZAR UM EXERCITO PARA LHEAS DAR COMBATE.



COMO OS PRINCIPES MARIA JOSE E HUMBERTO LEVASSEM O CORAÇÃO EM LABREDAS DE AMOR, FOI RESOLVIDO FAZE-LOS ACOMPANHAR, DURANTE O CASAMENTO, POR UM PIQUETE DE BOMBEIROS -



O BRAZIL NA IMPOSSIBILIDADE DE CREN NOVA LINGUA LIMITOU SE A INDEPENDENCIA DA NOVA ORTOGRAFIA -

GUILHERMINA SUGCIA

A MAIOR VIOLONCELISTA DO MUNDO - UMA GLORIA PORTUGUÊSA - TODA ELA SE TORCE DE SENTIMENTO, TORCENDO O VIOLONCELO E TORCENDO AS NÓDAS ALMAS.



VIOLONCELISTA
CONTORCIONISTA

EMFIM A D. CAMARA, A 18, ACABA DE DAR O GOLPE DE MISERICORDIA NO FATIDICO QAZOMETRO DA MA VISTA.

